



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB  
FACULDADE UnB PLANALTINA – FUP  
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO - LEdoC**

**O CONHECIMENTO TRADICIONAL DAS PLANTAS MEDICINAIS E A  
ESCOLA DO CAMPO NO ENGENHO II, CAVALCANTE - GO**

**MARIA APARECIDA PAULINO DOS SANTOS**

**PLANALTINA – DF**

**2015**

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB  
FACULDADE UnB PLANALTINA – FUP  
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO - LEdoC

O CONHECIMENTO TRADICIONAL DAS PLANTAS MEDICINAIS E A  
ESCOLA DO CAMPO NO ENGENHO II, CAVALCANTE - GO

MARIA APARECIDA PAULINO DOS SANTOS

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Universidade de Brasília  
(UnB), como requisito parcial para a  
obtenção do título de Licenciada em  
Educação do Campo, área de linguagem,  
sob a orientação da professora Regina  
Coelly Fernandes Saraiva.

PLANALTINA – DF

2015

SANTOS, Maria Aparecida Paulino Dos. O Conhecimento Tradicional Das Plantas Mediciniais e a Escola Do Campo No Engenho II, Cavalcante - GO. Planaltina – DF. 2015. 50 f.

Monografia – Faculdade UnB Planaltina, Universidade de Brasília.

Curso de Licenciatura em Educação do Campo.

Orientadora: Dr<sup>a</sup>. Regina Coelly Fernandes Saraiva

1. Plantas Mediciniais. 2. Cultura. 3. Engenho II. , I. SANTOS, Maria Aparecida Paulino Dos. II O Conhecimento Tradicional Das Plantas Mediciniais e a Escola Do Campo no Engenho II, Cavalcante - GO.

## COMISSÃO EXAMINADORA

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Regina Coelly Fernandes Saraiva (Orientadora)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Juliana Rochet (membro interno)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Joelma Rodrigues da Silva (membro interno)

Dedico este trabalho a meu filho, à minha família, aos meus amigos, professores da LEdoC e a toda comunidade Kalunga do Engenho II.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, pelo seu socorro bem presente nas atribuições.

Agradeço a minha mãe, Abelina, por ter cuidado do meu filho para que eu fosse estudar nessa faculdade em Planaltina/DF. Ao meu querido pai, José (Zé Preto), pela ajuda ao longo da efetuação deste curso e deste trabalho. Ao meu filho Eric Luiz, porque desde pequeno procurou entender minha condição, e agradeço consideravelmente as minhas irmãs e irmãos pelo apoio, cada um dos meus familiares que me incentivaram a todos os momentos dessa caminhada.

Agradeço aos meus professores de Licenciatura em Educação do Campo (LEDOC) da UnB, pelo apoio e os saberes adquiridos nesse curso, dos quais eu destaco a minha orientadora Regina Coelly pelo acompanhamento, apoio, paciência e intervenção neste trabalho e as participantes da banca examinadora, professoras Joelma e Juliana.

Agradeço também a todos os meus colegas de curso da LEdoC pelo apoio e motivação nos momentos difíceis que passamos, mas conseguimos superar e alcançarmos o objetivo chegar até aqui e concluir a primeira etapa dessa jornada que não acaba por aqui.

Agradeço a todos os colegas egressos da LEdoC pelas contribuições, interações e troca de conhecimentos que vivenciamos nas etapas que estivemos juntos. E as turmas, 6 e 7 pela interação coletiva na construção de novos saberes.

## LISTA DE ABREVIATURAS

**AQK** - Associação Quilombo Kalunga

**DF** - Distrito Federal

**EF**- Ensino Fundamental

**EM**- Ensino Médio

**FUP** - Faculdade UnB de Planaltina

**GO** – Goiás

**HSBC** – Corporação Bancária de Hong Kong e Xangai

**LEdoC** - Licenciatura em Educação do Campo

**LDB** – Lei das Diretrizes e Bases da Educação

**ONGs** – Organizações Não Governamentais

**PIBID** - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência

**TC** - Tempo Comunidade

**TCC** - Trabalho de Conclusão de Curso

**TE** - Tempo Escola

**TU** - Tempo Universidade

**UnB** - Universidade de Brasília

“A cultura forma sábios; a educação,  
homens”.

*Louis Bonald.*



## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo registrar os conhecimentos tradicionais no que se refere ao uso de plantas medicinais na comunidade kalunga Engenho II, localizada no município de Cavalcante-GO. O estudo foi desenvolvido através da aplicação de três etapas ou momentos que buscaram a coleta intensiva de dados junto a pessoas da localidade. A primeira etapa foi constituída pela realização de uma entrevista junto a idosos e a pessoas da referida comunidade que possuem conhecimentos tradicionais sobre plantas e sobre suas funções medicinais. Na segunda etapa, foi realizada uma pesquisa junto a professores da Escola Joselina Francisco Maia para detectar a forma pela qual o ensino local trabalha esta forma de conhecimento nas aulas com crianças e jovens. E por último foi realizada uma atividade de intervenção, constituída por uma roda de conversa que procurou estudar três temas específicos direcionados ao diálogo entre um representante da comunidade (um raizeiro idoso) com jovens estudantes do 9º ano do ensino fundamental e da 1ª série do ensino médio. Muitas foram às descobertas, tais como: as plantas medicinais existentes na localidade pesquisada, os saberes das pessoas idosas, as possibilidades de diálogo a partir de rodas de conversas entre a geração mais antiga com a geração mais jovem sobre o uso das plantas medicinais. E a partir dos diálogos e as entrevistas foi possível elaborar duas tabelas sobre o uso de plantas medicinais na comunidade kalunga Engenho II. E também registra a preocupação de algumas pessoas idosas entrevistadas sobre a diminuição do uso das plantas medicinais como medicamento pelos moradores da comunidade.

Palavras-chave: plantas medicinais, saberes tradicionais, Comunidade Engenho II.

**I. LISTA DE TABELAS**

|   |    |
|---|----|
| <b>Tabela 1-</b> Plantas medicinais de Horta e Quintal..... | 30 |
| <b>Tabela 2-</b> Plantas medicinais do Cerrado.....         | 32 |

## SUMÁRIO

### INTRODUÇÃO

.....Erro! Indicador  
não definido.

**CAPÍTULO 1 - METODOLOGIA DA PESQUISA.....17**

**CAPÍTULO 2 – CONHECIMENTOS E USOS DAS PLANTAS MEDICINAIS NO  
ENGENHO II.....20**

2.1 ENGENHO II: UMA COMUNIDADE TRADICIONAL.....20

2.2 CONHECIMENTOS E USOS DAS PLANTAS MEDICINAIS ANTES E AGORA.  
.....23

**CAPÍTULO 3 - SABERES DAS PLANTAS MEDICINAIS E A ESCOLA DO CAMPO  
NO ENGENHO II.....34**

3.1 A ESCOLA DO CAMPO E O CONHECIMENTO TRADICIONAL DO USO DE  
PLANTAS MEDICINAIS.....34

3.2 A ESCOLA JOSELINA FRANCISCO MAIA.....38

3.3 RODA DE CONVERSA SOBRE AS PLANTAS MEDICINAIS.....40

3.4 CONHECIMENTOS DAS PLANTAS MEDICINAIS NA VISÃO DOS  
PROFESSORES DA ESCOLA.....42

**CONSIDERAÇÕES FINAIS.....44**

**REFERÊNCIAS.....**

.....Erro! Indicador não definido.7

**ANEXOS.....48**

## INTRODUÇÃO

A comunidade Kalunga Engenho II localiza-se entre morros e montanhas a 27 km de Cavalcante GO, que fica situada no nordeste goiano. A comunidade é composta aproximadamente por 150 famílias descendentes de negros africanos e de negros escravizados que deram origem às atuais famílias (BAIOCCHI, 2010).

Praticamente a maioria dos moradores da comunidade são parentes bem próximos, porque os casamentos são sempre com pessoas do local; dificilmente há casamento com pessoas de outros lugares ou região. A origem da comunidade vem da família do Sr. Mateus Francisco Maia e a da Sr<sup>a</sup> Conrada dos Santos Rosa. Eles foram os primeiros moradores do local, daí com o passar do tempo foram surgindo outras famílias, como a do senhor Zacarias, da senhora Joana Torres, da senhora Messias, da senhora Luíza, do senhor Raimundinho, da senhora Mariquinha, do senhor Chicão, do senhor Lió, do senhor Joca, do senhor Sarapião, da senhora Constância e o seu esposo Basilo, do senhor Marciano e entre outras ramificações genealógicas descendentes desses primeiros grupos familiares.

O nome Engenho II vem da formação da comunidade que tinha muitos engenhos de moer cana para fazer rapadura e açúcar. O nome foi dado por uma família da comunidade, a do Sr. Dorotéu.

Hoje em dia a comunidade Engenho II está organizada em associações como a Associação Kalunga Comunitária Engenho II (AKCEII), Associação Quilombo Kalunga (AQK), que envolve os três municípios: Teresina de Goiás, Monte Alegre e Cavalcante. A comunidade é rica em nascentes naturais, com belas cachoeiras (Cativara, Santa Bárbara e Kandarú) e alguns rios como Cativara, Comundanga e o Tiririca. Esses rios são preservados pelos moradores da comunidade, pois muitos deles usam dessa água para cozinhar, beber e tomar banho.

A Escola da comunidade é distribuída em três prédios, onde funciona o ensino da rede municipal (Ensino Fundamental I e II) e da rede estadual de educação, de maneira que são totalizados 122 alunos distribuídos nos dois seguimentos educacionais.

As famílias trabalham na roça e plantam de tudo como: arroz, feijão, milho, mandioca, banana, batata, abóbora, cana e outros. O lugar das plantações, a maior parte do solo é fértil e outra parte é bem argilosa. Além do trabalho braçal nas roças

os moradores também trabalham com artesanato como: sofá de buriti, tapetes com fibras de banana, tapetes com seda do broto de buriti, tapetes com corda de jequitibá e crochês esses são os meios de produções da sobrevivência da comunidade, que vem das experiências dos antepassados e foram passando de geração em geração e permanecem até nos dias de hoje. Contudo, é importante frisar que atualmente parte da renda da comunidade Engenho II vem do turismo e do Programa Bolsa Família do Governo Federal (PBF).

Essa comunidade faz parte do Quilombo Kalunga. A expressão quilombo é de origem banta que significa acampamento de guerreiro na floresta (BAIOCCHI, 1999; *apud* UNGARELLI, 2009). Estudos científicos e narrativas orais descrevem como esta história aconteceu quem foram os primeiros moradores, quais as migrações sucessivas, como se dava a posse da terra e a miscigenação com os indígenas.

A comunidade Kalunga Engenho II é tradicional, possui vários conhecimentos e saberes da medicina com plantas do cerrado, horta e quintal que são de grande importância para os moradores do local. Devido o avanço das tecnologias a comunidade vem passando por muitas transformações e rupturas no modo de vida tradicional. Com isso, muitos conhecimentos fornecidos pelos pais, avós, bisavós, enfim, os ancestrais estão sendo esquecidos, principalmente os saberes e fazeres do uso das plantas medicinais.

O conhecimento transmitido dos antepassados de geração para geração está sendo esquecido e extinguido, por causa das mudanças ocorridas de alguns anos para cá, como exemplo, a chegada da energia elétrica, do celular, da internet, do Posto de Saúde da Família (PSF), etc. Alguns jovens da comunidade não se interessam em aprender esse saber tão rico e especial que temos das plantas naturais existente na comunidade; por isso a intenção deste trabalho de levar esse conhecimento até a uma das escolas da comunidade.

Os moradores da comunidade Engenho II dependiam muito do conhecimento da natureza para cura de doenças, porque eles não tinham acesso à farmácia de remédios; então eles preservavam mais a natureza para usar as plantas como remédios e também para preservar os usos para serem utilizados de geração em geração.

Nesse trabalho serão investigadas as diversidades e as variedades das plantas medicinais mais utilizadas pelos moradores da comunidade Engenho II, na

expectativa de registrar suas finalidades e seus processos de usos do pequi, jatobá do campo, sucupira, pau terra, quina, barbatimão, aroeirinha, assa peixe, pacari, mangaba, lobeira etc. Essas plantas são encontradas no Cerrado, ambiente típico da região de estudo; enquanto espécies como gervão, mastruz, folha do algodão, guaco, capim de cheiro, manjerição, e hortelã grosso, etc. são plantadas em hortas e quintais.

Na comunidade do Engenho II observa-se a perda do saber sobre as plantas medicinais porque os mais velhos estão acabando e partes da juventude não dão importância para esse saber tão rico que as plantas medicinais nos oferecem. Hoje em dia são poucos idosos que ainda plantam algumas ervas medicinais no quintal, e os jovens não realizam mais esses trabalhos, e não se interessam pelo uso das plantas medicinais.

Essa pesquisa tem o intuito de fortalecer e contribuir com a construção de um olhar amplo e reflexivo diante da realidade da comunidade Engenho II, não deixando apagar a importância, a potencialidade e o conhecimento dos usos das plantas medicinais que é parte da história da comunidade que os antepassados deixaram para as novas gerações.

O motivo/justificativa da abordagem deste estudo é a percepção de algumas rupturas no uso da cultura das plantas medicinais na comunidade do Engenho II. Esse conhecimento que vem sendo transmitido de geração a geração está em extinção, e um dos motivos que está influenciando essa perda de saberes e fazeres é o avanço da tecnologia, a perda das pessoas mais velhas da comunidade e a falta de interesse da juventude e das pessoas em aprender esse saber tão rico e importante para a vida dos moradores.

Hoje em dia são poucas pessoas que ainda utilizam as plantas medicinais para curar doenças, pois a maioria prefere utilizar remédios de farmácia receitados pelos médicos deixando a tradição dos antepassados da comunidade. Além disso, a maior parte da juventude da comunidade não procura saber sobre a tradição e os saberes das pessoas mais idosas da comunidade em relação aos medicamentos caseiros para curar doenças.

Esse contexto da comunidade gerou os seguintes questionamentos: Quais são as plantas mais utilizadas pela comunidade Engenho II? Como são manejadas essas plantas pela comunidade? Qual a importância desses saberes para

comunidade Engenho II? Como o trabalho na escola da comunidade pode estimular o interesse dos jovens sobre as plantas medicinais?

O objetivo geral desta pesquisa é registrar os usos das plantas medicinais da comunidade Engenho II, resgatando os conhecimentos tradicionais que estão se perdendo. Pretende-se também chamar a atenção dos jovens da comunidade para a importância desses saberes tradicionais por meio de um trabalho desenvolvido na escola da comunidade.

São objetivos específicos: identificar quais são as plantas medicinais existentes na comunidade Kalunga Engenho II; registrar as plantas mais utilizadas pela comunidade a partir do conhecimento tradicional; descrever os saberes da comunidade Engenho II associados ao uso das plantas medicinais; e identificar como a escola da comunidade pode estimular o conhecimento sobre os saberes das plantas medicinais na comunidade.

Espera-se que este trabalho possa contribuir com a história da comunidade Engenho II e sirva para conscientizar a juventude estudantil da comunidade sobre seu papel de construtora da sua própria história, ou seja, protagonista do conhecimento popular, herdado dos nossos antepassados e que esta venha se interessar, valorizar e dar continuidade nesse resgate do uso das plantas medicinais.

Este trabalho está dividido em três capítulos. De maneira que, no capítulo 1 se destaca a metodologia da pesquisa. No capítulo 2 são destacados pontos sobre os conhecimentos e usos das plantas medicinais no Engenho II, sobre o Engenho II como comunidade tradicional, sobre os conhecimentos e usos das plantas medicinais antes e agora. O capítulo 3 fala sobre a escola do campo e o conhecimento tradicional do uso de plantas medicinais, sobre a Escola Joselina Francisco Maia, e ainda, trata da roda de conversa sobre as plantas medicinais realizada em setembro de 2015, e ainda, conhecimento das plantas medicinais na visão dos professores da escola, realizada também no mês de setembro no local.

E por fim são apresentadas as considerações finais que dialogam um pouco sobre os objetivos deste trabalho e da análise das conquistas e aprendizagens adquiridas por intermédio deste estudo.

## CAPÍTULO 1

### METODOLOGIA DA PESQUISA

A metodologia utilizada nesse trabalho é a pesquisa qualitativa. Pesquisas com essa abordagem visam compreender a realidade, trabalhando com o universo de crenças, valores, significados e outro construto profundo das relações sociais (CRESWEL, 2010).

O levantamento de dados da pesquisa ocorreu entre os meses de janeiro a dezembro de 2015. O primeiro momento da pesquisa foi realizado no período de janeiro a julho de 2015, utilizando estratégias de coleta e registro dos dados por meio de entrevistas e pesquisa bibliográfica sobre o tema.

As entrevistas foram realizadas a partir de um roteiro básico na qual os entrevistados responderam as seguintes perguntas. O que você acha das plantas medicinais? Qual a importância dessas plantas para comunidade Engenho II? Quais foram às mudanças ocorridas no uso das plantas medicinais com passar do tempo? Faça uma comparação das mudanças do passado ao presente da comunidade relacionado ao uso das plantas medicinais.

As entrevistas tiveram o intuito de registrar as plantas que pessoas da comunidade têm domínio e as mais utilizadas pelos moradores. Foram entrevistadas as seguintes pessoas da comunidade Engenho II: Clara Ernesta, Francisco Ternemais, Getúlia Moreira, Leotéria Rosa, Jose Rosa e Natalia Moreira. O nome de todas essas pessoas foram expostos neste trabalho porque todas elas autorizaram as suas falas e a demonstração de seus conhecimentos sobre o uso das plantas.

Sobre o perfil dos entrevistados: foram entrevistados cinco idosos, com faixa etária entre 61 e 82 anos, sendo estes escolhidos por serem pessoas conhecedoras da cultura do uso de plantas medicinais e que contribuem ainda com a valorização do conhecimento tradicional no local. Participou ainda da ação uma jovem de 26 anos de idade, escolhida por ser estudante e educadora local, por conhecer plantas medicinais e exercer atividades através da Pastoral da Criança que se relacionam com as formas de saberes tradicionais evidenciados neste trabalho.

Sobre a técnica de entrevistas, Gaskell (2002, p.73-74) considera a entrevista como “uma interação, uma troca de idéias e de significados, em que várias



realidades e percepções são exploradas e desenvolvidas como uma tarefa comum, uma negociação de realidades.”

Michel Pollak (1992) observa que um trabalho com entrevistas passa a valorizar a história dos próprios sujeitos, num processo de construção e reconstrução de suas identidades. As entrevistas são tomadas como fontes para a compreensão do passado, ao lado de documentos escritos e de registros. Estas caracterizam-se por serem produzidas a partir de um estímulo, pois o pesquisador procura o entrevistado para lhe fazer perguntas relativas ao tema investigado. Além disso, faz parte de todo um conjunto de documentos de tipo biográfico, ao lado de memórias, que permitem compreender como os indivíduos experimentaram e interpretaram os acontecimentos, situações e modos de vida de um grupo ou da sociedade em geral. Isso torna o estudo da história mais concreto e próximo, facilitando a apreensão do passado pelas gerações futuras e a compreensão das experiências vividas por outros.

Por meio das entrevistas, foi possível a elaboração de duas tabelas, que foram elaboradas para demonstrar o conhecimento das variedades de plantas medicinais do cerrado e de horta que os moradores da comunidade possuem, de forma que esse aspecto acaba por sintetizar aquilo que foi adquirido quanto ao uso dessas plantas ao longo das entrevistas, servindo de referência e registro dos saberes culturais da localidade.

Após as entrevistas e a sistematização do conhecimento tradicional do uso das plantas, por meio das tabelas, o trabalho foi inserido em setembro de 2015 na Escola Joselina Francisco Maia, escola pública do Engenho II, com o intuito de levar aos jovens a importância dessa cultura e tradição local, bem como incentivá-los a serem sujeitos críticos construtores de sua própria identidade.

No trabalho na escola, foram abordadas questões voltadas para a saúde, cultura, identidade e tradição, através da tradicionalidade do uso das plantas medicinais e foram utilizadas receitas caseiras utilizadas pelas pessoas idosas. O principal objetivo foi incentivar a juventude a preservar os saberes tradicionais do uso das plantas medicinais na construção e na preservação da identidade da comunidade do Engenho II.

O trabalho na escola contou com a participação de uma professora, selecionada por trazer contribuições relacionadas ao modo pelo qual a cultura das

plantas medicinais é trabalhada na escola. A estratégia utilizada foi à roda de conversa, com a presença de um idoso da comunidade, que também foi entrevistado, sendo este liderança da comunidade, e com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental e da 1ª série do Ensino Médio, com idades entre 14 e 16 anos. Participaram treze alunos desse momento de coleta de dados da pesquisa.

Na roda de conversa, foi realizada com os alunos a identificação das plantas medicinais existentes nos quintais, nas hortas e no Cerrado próximo das casas dos estudantes que são usadas como medicamentos. Essa conversa serviu como espaço de troca de idéias, experiências e tirar as dúvidas relacionadas ao uso das plantas medicinais. Além disso, foi possível escolher algumas plantas medicinais para exposição na sala de aula onde os alunos e a professora teve a oportunidade de interagir com o senhor da comunidade e explorar seus conhecimentos e saberes sobre as plantas medicinais.

Segundo Moura e Lima (2014, p.20), a roda de conversa é um dos instrumentos mais importantes para trazer o conhecimento tradicional das pessoas mais velhas aos jovens. No trabalho da escola, a intenção foi proporcionar a interação entre as gerações diferentes do Engenho II. A realização das rodas de conversa teve como base um planejamento previamente elaborado que pretendeu contemplar os pontos acima elencados (Ver ANEXO). O planejamento contemplou três temáticas, que foram desenvolvidas no período de 50 minutos cada uma, sendo a primeira relacionada à seguinte questão: Você conhece as plantas medicinais? A segunda relacionada ao tópico: Para que você acha que serve esta planta? E a última a questão: Você prefere usar o remédio de farmácia ou o remédio caseiro?

## CAPÍTULO 2

### CONHECIMENTO E USO DAS PLANTAS MEDICINAIS NO ENGENHO II

#### 2.1 ENGENHO II: UMA COMUNIDADE TRADICIONAL

Segundo Baiocchi quilombo é um termo Banto que quer dizer acampamento guerreiro na floresta. (BAIOCCHI, 1999; *apud* UNGARELLI, 2009).

Segundo Moura (2007) *apud* Silva (2013,p.26) “em 1991, toda a área ocupada pelos Kalunga foi reconhecida oficialmente pelo governo do estado de Goiás como sítio histórico Kalunga, parte essencial do patrimônio histórico e cultural brasileiro”.Essa denominação também se encaixou para o povoado Kalunga Engenho II, que hoje é uma das principais representações históricas quilombola do País.

Conforme Silva (2013), o marco legal que constituiu a denominação de sítio histórico foi a própria constituição de 1988, artigo 68 que encontra-se nos Atos das Disposições Constitucionais Transitórias, sendo que, essa legislação determina a entrega de título definitivo de terras para todos os remanescentes quilombolas presentes neste espaço.

De acordo com Sampaio (2009) a utilização das plantas medicinais faz parte da história e da busca pela humanidade, trazendo fortes elementos tradicionais, que representam uma herança preciosa para os seres humanos. E assim permanece até nos dias de hoje. Carregamos conosco como parte de nossa história. As plantas medicinais é um bem muito precioso que a natureza nos oferece, só precisamos preservar os conhecimentos adquiridos para manter a identidade, história e memória da comunidade.

Há muitos anos a comunidade kalunga Engenho II foi construindo sua identidade cultural, ela está presente em tudo aquilo que faz parte do nosso patrimônio cultural, em nossos costumes e tradições. A comunidade tradicional do Engenho II vive em profundo contato com a natureza, trazendo uma cultura ancestral de união, respeito, cuidado e preservação.

Os moradores da comunidade Engenho II sempre utilizavam as plantas medicinais para curar doenças antes mesmo de conhecer e saber o que era

farmácia. Esses saberes da utilização das plantas medicinais da comunidade Engenho II é uma cultura e tradição que vem sendo utilizada e valorizada desde os antepassados até as gerações atuais.

Anthony Giddens argumenta que:

Nas sociedades tradicionais, o passado é venerado e os símbolos são valorizados porque contêm e perpetuam a experiência de gerações. A tradição é um meio de lidar com o tempo e o espaço, inserindo qualquer atividade ou experiência particular na continuidade do passado, presente e futuro, os quais, por sua vez, são estruturados por práticas sociais recorrentes (GIDDENS, 1990, pp. 37-38).

Diegues (2001) atesta que não existe uma definição precisa para comunidades tradicionais. No Brasil existe várias comunidades quilombolas com modo tradicionais diferentes e culturas diferenciadas.

O termo comunidades tradicionais inicialmente foi utilizado por ambientalistas que viam nesses povos parceiros para realização de atividades de conservação ambiental. Nessas nas comunidades percebe-se que são intimamente conectadas com a natureza e vinculadas a um território específico, se identificando com um determinado ecossistema no qual vivem diferentemente da maioria da sociedade nacional (DOURADO, 2005).

O conceito foi sendo destrinchado para que não somente a sociedade como todo pudesse compreender seu significado, mas principalmente, para que as próprias comunidades se reconhecessem como tal. A palavra comunidade foi selecionada em detrimento de outras, por abranger a maioria dos grupos reconhecidos até então, fazendo com que tanto raizeiros, caiçaras, pescadores e os demais se reconhecessem como comunidades (DOURADO, 2005, p.30).

A tradicionalidade remete ao modo de viver diferenciado, onde as pessoas se identificam entre si e compartilham seus costumes, saberes e fazeres. Devido o cuidado com a saúde através das ervas medicinais vivenciamos uma troca de conhecimentos e saberes na utilização dos remédios caseiros feito com as plantas medicinais.

Os Kalunga possuem um rico conhecimento tradicional de plantas do cerrado. Tais plantas espalham-se pelos quintais, pelas áreas em

recomposição da vegetação, áreas mais distantes das alagadas e eles as distinguem pelas curvas a que se destinam, pela forma de preparo, pelo cuidado em tomá-las. A denominação das plantas, muitas vezes, é feita com nomes que são característicos do local (ALMEIDA, 2010 p. 55 apud MAIA, 2013).

Conforme afirma Da Matta (1981), a palavra cultura enquanto categoria do senso-comum ocupa como ramos um importante lugar no nosso acervo conceitual. Isso quer dizer que cada ser humano possui uma cultura independente de cor, raça, religião, e cada um tem um papel importante para exercer na sociedade.

Saraiva (2012), salienta que nas comunidades tradicionais da Chapada dos Veadeiros reconhecem as condições de ser tradicional é uma estratégia política de afirmação de suas identidades, e serve também como mecanismo que pode ajudar a solucionar questões principalmente relacionadas à terra.

Santos (2012) ressalta que:

A riqueza de formas das culturas e suas relações falam bem de perto a cada um de nós, já que convidam a que nos vejamos como seres sociais, nos fazem pensar na natureza dos todos sociais de que fazemos parte, nos fazem indagar sobre as razões da realidade de partilharmos e das forças que as mantém e as transforma.(p.9)

A cultura tradicional nos faz sentir como seres sociais que constrói a própria identidade cultural através dos trabalhos coletivos e individuais dentro e fora da comunidade, isso é uma forma de dar origem as culturas tradicionais e também para sermos organizadores e preservadores do nosso patrimônio. Neves (1998, p. 113) salienta “a memória, como substrato da identidade, refere-se aos comportamentos e às mentalidades coletivas, na medida em que o relembrar individual encontra-se relacionado à inserção histórica de cada indivíduo”.

A memória faz parte da identidade e dos saberes tradicionais da comunidade, pois cada saber é depositado em memória do passado que aos poucos trazemos para o tempo presente e registramos como um patrimônio rico e precioso de informações resgatadas que com o passar do tempo vai se perdendo. Um exemplo de patrimônio que corre o risco de ser perdido são os conhecimentos sobre plantas medicinais da comunidade Engenho II, pois nem sempre a geração futura dá a devida importância aos conhecimentos do passado.

A partir dos dados levantados junto às pessoas da comunidade, no Engenho II, as plantas que estão presentes no cerrado acabam se misturando àquelas plantas que estão nas hortas ou nos quintais das residências, isso acontece de várias formas.

A mistura destas plantas pode acontecer durante a realização das receitas medicinais seguidas através da tradição dos antepassados de realizar a mistura, por exemplo, de raízes, cascas, folhas e sementes na preparação de um só remédio.

Por outro lado, a mistura pode acontecer por meio da mudança de terreno, em que uma muda do cerrado é retirada de seu ambiente e trazida para um solo com outra preparação, como o quintal e horta adubados com esterco de vaca. Em maioria, as plantas se adaptam facilmente e crescem juntas às demais espécies.

## **2.2 CONHECIMENTO E USOS DAS PLANTAS MEDICINAIS ANTES E AGORA**

### *Dona Clara Ernesta*<sup>1</sup>

A senhora Clara Ernesta, é uma das pessoas que mais entende de plantas medicinais no povoado do Engenho II, esta mulher de 83 anos de idade nasceu no local, e conta que, o seu parto foi realizado em casa de sua avó, a qual também foi à parteira do mesmo. Dona Clara Ernesta afirma que não chegou a se casar, mas teve três filhos, sendo que um desses morreu após o parto, contudo, ela diz que sempre os criou sozinha, não tendo conseqüentemente a ajuda de um parceiro ou de algum familiar que a apoiasse.

Em referência a oportunidade de estudar, esta senhora afirma que na época em que era jovem, ou se encontrava na faixa etária estudantil, havia muitas dificuldades que interferiam diretamente nos estudos, a saber, não havia escola no local, e no período esta ainda tinha que ajudar os pais no trabalho de roça (cultivo do solo). Apesar de não ter estudado, sendo sua profissão a de lavradora, dona Clara garante ter dado oportunidade para seus dois filhos estudarem.

Em relação às plantas medicinais, Dona Clara Ernesta relatou: jatobá, barbatimão, assa peixe, gervão, carrapicho, sucupira, velame, manjeriço, vassourinha, quina, capim de cheiro, pau terra, etc.

Segundo ela, os conhecimentos sobre os usos das plantas medicinais foram aprendidos por meio de pessoas mais velhas que faziam os remédios em casa.

---

<sup>1</sup> Entrevista concedida por Dona Clara Ernesta, em Julho de 2015.

Assim, Dona Clara salienta que nos tempos antigos ninguém sabia que tinha remédio de farmácia, então o remédio utilizado era basicamente aquele advindo do mato ou das plantas que curavam muitas das doenças enfrentadas. Após aprender com os outros que faziam o uso das plantas, ela começou a desenvolver mais aprendizado sobre isso, especialmente ao fazer remédios para os filhos, quando os mesmos adoeciam.

Dona Clara afirma ainda que as plantas mais usadas:

Depende da doença, mas eu acho que as plantas mais usadas são as que é boa para gripe como: assa peixe, manjeriço, capim de cheiro, hortelão e por aí vai, tem também as plantas de garrafadas de mulher parida que são: quina, quitoco, saúde das mulheres, mentrasto, manjeriço, arruda, folha de algodão etc.

Quanto à importância dos saberes sobre as plantas medicinais, Dona Clara Ernesta aponta que este conhecimento ajuda a não gastar dinheiro nas farmácias, sendo necessário ter disposição de plantar e pegar na horta, no quintal ou mesmo no Cerrado. De forma que esse procedimento termina sendo mais rápido, estando praticamente na porta de casa, porém, caso seja preciso arranjar remédio na cidade em caráter de urgência há muita demora, pois nem sempre há carro a disposição para se deslocar do local. Dona Clara Ernesta aborda que os remédios de farmácia são de fácil ingestão, porém, muitas vezes a pessoa ingere o medicamento sem saber a sua origem, ao passo que as plantas medicinais são simples e do conhecimento de quase todos na localidade. Esta senhora analisa que nos dias atuais as pessoas estão usando mais remédios de farmácia, devido ter preguiça de saírem até o cerrado para pegar um remédio ou plantarem hortas em casa; ela observa que muitos querem tudo na mão, ou seja, preferem aquilo que já está pronto para beber.

### Dona Getúlia Moreira<sup>2</sup>

A senhora Getúlia Moreira, tem 62 anos de idade, nasceu na comunidade kalunga do Engenho II, onde reside até os dias atuais. Esta mulher exerce a função de rezadeira no povoado e tem muito conhecimento relacionado às plantas medicinais, das quais esta nomeia como mais conhecidas as seguintes ervas:

---

<sup>2</sup> Entrevista concedida por Dona Getúlia Moreira, em Julho de 2015.

carrapicho, chapada, alecrim, aroeirinha, mangaba, pacari, pequi, jatobá, congonha, barbatimão, velame branco, assa-peixe, gervão, canelão, quina e entre outros.

Dona Getúlia destaca que tudo quanto sabe sobre remédio caseiro foi advindo de conhecimentos repassados por seus pais, os quais a ensinaram ainda quando esta era uma pequena criança. Esta senhora afirma que todas as plantas já pontuadas por ela na entrevista são usadas pela comunidade, sendo estas utilizadas como depurativos de sangue, para o combate a gripe e a tosse, também podem ser empregados nos cuidados do resguardo de mulher parida, no combate a vermes, a inflamações, no processo de cicatrização de feridas e para alívio no inchaço no estômago.

Conforme Dona Getúlia, as plantas medicinais precisam ser colhidas com bastante cuidado para não se matar o pé da planta, sendo que cada planta já tem o seu lugar certo, algumas podem ser encontradas no Cerrado e outras são passíveis de serem plantadas nos quintais ou hortas em casa.

Segundo esta senhora as partes das plantas que mais terminam sendo usadas pelas pessoas são: as folhas, as raízes e o entrecasco delas. Sendo as plantas medicinais de grande importância porque ajudam muitas pessoas a curar certas doenças que as acometem, sendo que às vezes nem é preciso ir até um médico, de forma que os remédios caseiros da localidade acabam por resolverem o problema.

Para Dona Getúlia a diferença encontrada entre os remédios caseiros e os remédios de farmácia, é que os primeiros não precisam de receita médica para ser utilizados ao passo que os segundos demandam pelo médico para receitá-los. Contudo, na percepção de Dona Getúlia, o uso das plantas medicinais diminuiu muito no local, especialmente porque muitas pessoas hoje preferem comprar o remédio de farmácia que já vem pronto, ao invés de fazerem o caseiro.

Segundo Dona Getúlia, alguns fatores contribuem para a perda dos saberes tradicionais das plantas medicinais. Ela aponta a chegada da energia elétrica na comunidade, o que fez com que as pessoas do local mudem seu modo de vida e não queiram saber mais da tradição antiga, de modo que a geração nova usa muito pouco os remédios caseiros.



*Dona Leotéria dos Santos Rosa*<sup>3</sup>

A senhora Leotéria é uma das representantes das rezadeiras do povoado do Engenho II, é lavradora, tem 62 anos de idade, possui cinco filhos, e é casada. Ela só teve oportunidade de estudar até a 1ª série, sendo prejudicada pela dificuldade que possuía de copiar do quadro, o que a ajudou a desistir, além do fato de ter que ajudar os pais nos trabalhos de roça.

Dona Leotéria diz que as plantas medicinais que ela mais conhece são: babosa, chá da índia, sete dores, erva cidreira, capim de cheiro, arruda, manjerição, alfavaca, erva doce, hortelãozinho, vick, sabugueiro, picão, araruta, açafraão, mastruz, carrapicho, etc. Salienta que o conhecimento sobre essa cultura adveio do aprendizado adquirido junto aos mais velhos do local, e também através dos ensinamentos dos pais, avós e bisavós. Para Dona Leotéria, as plantas medicinais mais utilizadas são as citadas acima, e servem necessariamente para o combate a gastrite, ao intestino preso, a prisão de ventre, a gripe, a febre, e ainda, algumas servem como calmantes que ajudam no controle da pressão arterial.

Dona Leotéria entende que não existem diferenças entre os remédios caseiros e os de farmácia, e analisa que ambos são bons para tratar as doenças, de forma que, quando não se trata o problema com um tipo de remédio, este pode ser tratado com outro medicamento. Esta sábia rezadeira afirma que o uso de algumas plantas medicinais diminuiu, basicamente porque atualmente as pessoas dão preferência aos remédios de farmácia em detrimento do uso de remédios caseiros, mas ainda assim, muitos recorrem a estes últimos para fazerem chás e banhos para crianças recém nascidas.

*Senhor Francisco Ternemais (Xinim)*<sup>4</sup>

O senhor Francisco Ternemais, conhecido popularmente como Xinim, é lavrador, tem 79 anos de idade, é viúvo, tem como profissão a de lavrador, nasceu no território da comunidade kalunga do Engenho II, onde vive até os dias atuais, teve seis filhos, sendo um desses já falecido.

Este sábio senhor afirma conhecer as seguintes plantas: barbatimão, assa peixe, gervão, carrapicho, sucupira, velame, manjerição, vassourinha, quina, capim

<sup>3</sup> Entrevista concedida por Leotéria dos Santos Rosa, em Julho de 2015.

<sup>4</sup> Entrevista concedida por Francisco Ternemais, em Julho de 2015.

de cheiro, pau terra, carqueja, folha de algodão, baru, etc. Este conhecimento, conforme salienta o senhor Xinim, é oriundo de pessoas mais velhas e de seus pais. Quanto às plantas mais utilizadas, segundo ele todas as que citou são usadas freqüentemente no local, de modo que normalmente a comunidade aplica os seus usos, por exemplo, no combate a gripe e a febre.

Segundo senhor Xinim, as plantas medicinais são importantes, pois são remédios que estão mais próximos de casa, e cada pessoa prepara-os conforme a necessidade que possui. No que tange as diferenças existentes entre o remédio de farmácia e o remédio caseiro, é que o primeiro é feito por composições desconhecidas e o mesmo já pronto para tomar, ao passo que o segundo é composto pelo conhecimento comum, ou seja, pela experiência comprovada na comunidade. No pensar deste senhor pela aproximação das distâncias, o remédio de farmácia ficou mais próximo, e hoje em dia as pessoas estão dando preferência a estes ao invés de terem o trabalho de fazerem o remédio em casa.

Senhor José dos Santos Rosa (Zé Preto)<sup>5</sup>

O senhor José dos Santos Rosa, é conhecido popularmente como Zé Preto, tem 61 anos de idade, nasceu na comunidade kalunga do Engenho II, onde vivo nos dias atuais, exerce a função de raizeiro e lavrador, ele é casado e tem 12 filhos.

Zé Preto afirma que estudou o suficiente para aprender a escrever o seu nome, mas adquiriu um vasto conhecimento sobre plantas medicinais através de seus antepassados, de modo que desde pequeno este acompanhava as pessoas mais velhas utilizando remédio caseiro, num tempo em que ninguém conhecia comprimidos de farmácia na localidade.

Entre os remédios que o senhor Zé Preto conhece, este pontua: velame, manacá, raiz de perdiz, puaia roxa, assa peixe, pau terra, baru, gervão, chapada, carrapicho, etc. Para ele as plantas mais utilizadas na comunidade são: carrapicho, pau terra, velame, carobinha, burere, sucupira branca, baru, puaia do campo, raiz de perdiz, trançagem, tiú, batatão, assa peixe, etc.

Conforme este raizeiro, tais remédios são usados para curar varias doenças, tais como: inflamações, prisão de ventre, pneumonia, sangue sujo (há remédios que agem como depurativos), menstruação desregulada, câimbra de sangue,

---

<sup>5</sup>Entrevista concedida por José dos Santos Rosa, em Julho de 2015.

desnutrição, inflamação de garganta, veneno de cobra, bronquite, cansaço de gripe, intoxicação, ferida de diabete, etc.

No pensar do senhor Zé Preto, até o período de 1972, os remédios caseiros eram tudo na região, pois não havia farmácia no período, contanto, era na floresta que se buscava a cura para tudo que se sentia, não havendo conhecimento de comprimido, injeção ou vacina, assim, nesta fase a importância das plantas medicinais ocupava uma importância maior do que a de hoje.

Segundo o raizeiro:

Olha, pelo nosso conhecimento com o remédio caseiro, tem hora que a gente confia mais no remédio caseiro porque a gente aprendeu fazer e entendeu por gente e criou vendo, fazendo e usando eles; os de farmácia a gente não sabe. Hoje a maioria dos idosos tem medo de usar remédio de farmácia por causa da criação que só usava as plantas medicinais.

Conforme o senhor Zé Preto observa logo acima, muitas pessoas mais velhas conseguem diferenciar o remédio caseiro daquele que é comprado em farmácias, com isso, um dos pontos de conflito entre ambos é que um é conhecido e comprovado pela comunidade mais velha, ao passo que o outro é de origem duvidosa na percepção dos mais idosos.

Quanto à diminuição do uso dos remédios caseiros na comunidade do Engenho II, o raizeiro confirma esta hipótese, e destaca que a falta de coragem de arrancar raízes, leva muitos pais deslocarem-se para a cidade em busca de remédio de farmácia, sendo preferível a estes esta segunda opção especialmente pela comodidade do transporte de carro nos dias atuais.

Em relação ao seu envolvimento enquanto raizeiro na comunidade, este senhor diz que trabalha a mais ou menos quatro anos numa horta de plantas medicinais, tal horta foi construída através de um projeto da Universidade Federal em Goiás, quando uma senhora chamada M<sup>a</sup> Tereza, se encantou com os conhecimentos repassados pelo mesmo, e então, esta resolveu implantar esse projeto em várias comunidades Kalungas da região,mas infelizmente a única que esta em funcionamento é a horta que o senhor Zé Preto cuida.

Nesta horta, este senhor planta várias plantas medicinais, que servem para toda a comunidade. Às vezes ele pega algumas plantas do Cerrado e as leva para plantar na horta, mas nem sempre isso da certo devido à adaptação de cada planta,

de forma que algumas são próprias para o Cerrado, e por isso, não se adaptam na terra da horta.

### Natália Moreira<sup>6</sup>

A jovem Natália Rosa, de 26 anos de idade, é estudante, possui o ensino superior incompleto, a mesma é solteira e tem dois filhos, e afirma que é lavradora. Ela salienta que possui o conhecimento de algumas plantas medicinais, entre essas ela destaca: a quina, a arnica, a tiborna, a agoniada, o manjeriço, a alfavaca, o assa peixe, o andu, o pequi, o pacari e o angico.

A jovem reforça que o conhecimento por ela obtido sobre as plantas medicinais foi através das informações de parentes, tais como a sua mãe, seus tios, e entre outras pessoas que faziam ou ensinava sobre o uso dessa cultura na comunidade. Para ela, as plantas mais utilizadas entre as que apresentou são: a alfavaca, a quina, o assa peixe, e o andu, etc. de forma que as pessoas costumam usá-las como antiinflamatório, para o combate a gripe, dor de ouvido, inflamação no útero e até mesmo como método de tratamento em casos de pneumonia. Conforme Natália, um dos benefícios que há através do uso de plantas medicinais é a economia e a possibilidade de fazer o tratamento de muitas doenças com remédios caseiros, evitando-se o deslocamento para a cidade a procura de médico, de um posto de saúde ou de um hospital.

Para esta jovem o que difere os remédios caseiros daqueles que são encontrados nas farmácias é exatamente o aspecto que os primeiros são naturais e não possuem conservantes, enquanto que os segundos têm origem e composição desconhecida pela classe popular.

Ainda na percepção da estudante Natália, o uso das plantas medicinais diminuiu especialmente no grupo dos sujeitos mais jovens da comunidade, mas por outro lado, as pessoas mais velhas mantêm a tradição, e usam os saberes antigos freqüentemente.

### **Tabela 1. Plantas medicinais de horta e quintal**

---

<sup>6</sup> Entrevista concedida por Natália Moreira, em Julho de 2015.

| <b>Nome popular</b> | <b>Parte utilizada</b>  | <b>Indicação de uso</b>  | <b>Modo de usar</b>                           |
|---------------------|-------------------------|--|---|
| Manjeriçõ           | Folhas, galhos e raízes | Gripe, febre e cólica menstrual, constipação congestão,                            | Chá sumo e garrafadas                         |
| Gervão              | Raiz e folhas           | Fígado inchaço, e pós-parto e resguardo quebrado                                   | Sumo, garrafada e mel das folhas verdes       |
| Baru                | Entre casco, caroço     | Rins, coluna, contra veneno de cobra, fígado e inflamação                          | Banho, e garrafada                            |
| Carrapicho          | Raiz e folhas           | Estomago inflamação, pós-parto, diarréia e congestão cólica inchaço e cicatrizante | Sumo chá garrafada riscado de fogão pós-parto |
| Capim de cheiro     | Folha e raiz            | Gripe, tosse, febre, calmante e resfriado  | Chá, suco com frutas                          |
| Guaco               | Folha seca              | Gripe, tosse, despeitorante, inflamação e febre                                    | Chá   |
| Andu                | Folha                   | Pneumonia, sinusite  | Sumo e vapor da fumaça                        |
| Mastruz             | Folha e semente         | Machucado, aborto, inflamação e verme  | Sumo  |
| Vassourinha         | Folhas                  | Alergia, quebrante olho  | Sumo e chá                                    |
| Arnica              | Folha                   | Sangue, inflamação e cicatrizante  | Chá e garrafada                               |
| Erva de bicho       | Caule                   | Inflamação, hemorróida, diarréia e espremedura de crianças                         | Chá e banho                                   |
| Carro santo         | Semente e folha         | Bronquite, pneumonia, asma e chia  | Café da semente e xarope                      |
| Alfavaca            | Folha e semente         | Catarro no peito, dor de ouvido, cólica e retira cisco do olho                     | Chá e sumo                                    |
| Hortelão grosso     | Folha                   | Cólica, gripe, tosse e dor no ouvido, gases, chia e cansaço                        | Sumo, e melado                                |
| Poejo               | Folha e raiz            | Tosse, cólica de crianças, gripe   | Chá   |
| Erva doce           | Semente e folha         | Cólica de crianças e vomito, gases e dores no corpo                                | Chá   |
| Canela              | Folha e casca           | Vomito fraqueza, friagem no corpo  | Chá,  |

|                    |             |  |                   |
|--------------------|-------------|--|-------------------|
| Agrião             | Folha       | Catarro no peito, gripe, fígado e abre apetite                         | Chá               |
| Arruda             | Folha       | Resguardo de mulher, coceira, e mau olhado e dores pós – parto         | Banho e garrafada |
| Saúde das mulheres | Folha       | Resguardo, dor de cabeça e refinação de sangue                         | Sumo e garrafada  |
| Quitoco            | Folha       | Dor no ouvido, cólica menstrual, pós- parto                            | Sumo e garrafada  |
| Coentro            | Semente     | Rouquidão, dor de garganta e prisão de ventre                          | Chá               |
| Fedegoso           | Raiz e flor | Estomago gripe, febre e quebrante tosse, bronquite, fígado e intestino | Xarope, chá       |
| Picão              | Folha       | Machucado, rins, hepatite  | Sumo e banho      |
| Eucalipto          | Folha       | Tosse, resfriado   | Chá               |
| Mentrasto          | Folha       | Pós-parto, dor ouvido  | Chá e garrafada   |

Fonte: Elaboração Própria, novembro de 2015.

**Tabela2: Plantas medicinais do Cerrado**

| <b>Nome popular</b> | <b>Parte utilizada</b>       | <b>Indicação de uso</b>   | <b>Modo de usar</b> |
|---------------------|------------------------------|---|---------------------|
| Sucupira            | Semente                      | Dor e infecção de garganta  | Chá para gargarejar |
| Velame branco       | Raiz                         | Depurativo de Sangue, inflamação de garganta, todo tipo de infecção no sangue | Chá e garrafada     |
| Barbatimão          | Folha e casca                | Inflamação ulcera cicatrizante  | Banhos e garrafadas |
| Azedinha do campo   | Folha                        | Inflamação intestinal, bexiga, sapinha e dor de dente                         | Chá e sumo          |
| Algodão             | Folha                        | Pós-parto (Puerpéra)  | Garrafada           |
| Pau terra           | Entre casco e folhas e fruta | Estomago dor de barriga, congestão, desintoxicação e ferida incurável         | Chá e sumo e mel    |
| Assa peixe          | Folha e raiz                 | Pneumonia,  | Sumo e chá          |

| <b>Nome popular</b> | <b>Parte utilizada</b> | <b>Indicação de uso</b>                                       | <b>Modo de usar</b>          |
|---------------------|------------------------|---|------------------------------|
|                     |                        | tuberculosa, tosse, bronquite e infecção de garganta          |                              |
| Grapiará            | Raiz                   | Cólica menstrual, tosse, cortar febre, dor de cabeça e pulmão | Chá e moído                  |
| Alcançu             | Raiz                   | Tosse, gripe e febre  | Chá da raiz                  |
| Quina               | Entre casco            | Pós-parto, inflamação, verme                                  | Garrafada                    |
| Copaíba             | Óleo do caule          | Bronquite, asma, privação de urina, tosse                     | Fura o caule e retire o óleo |

Fonte: Elaboração Própria, 2015.

## **CAPÍTULO 3**

### **SABERES DAS PLANTAS MEDICINAIS E A ESCOLA DO CAMPO NO ENGENHO II**

#### **3.1 A ESCOLA DO CAMPO E O CONHECIMENTO TRADICIONAL DO USO DAS PLANTAS MEDICINAIS**

Conforme Monteiro (2012), o uso de plantas medicinais pelos povos do campo é uma prática muito comum, havendo registros de sujeitos que saem pelas matas em busca de socorro às moléstias do corpo e da mente.

Vemos povos que entram nas matas para coletar frutos e plantas medicinais nativos, praticando o agroextrativismo, a pesca, as plantações e criações, com várias espécies hoje cultivadas ou criadas que vieram de todos os cantos do mundo, de outros ecossistemas (MONTEIRO, 2012, p.68).

Na percepção de Monteiro (2012), a preservação do ecossistema e do desejo de cuidar das plantas medicinais deve fazer parte da formação do sujeito na sociedade, sendo que os povos dos campos, principais envolvidos com estes elementos necessitam dos esclarecimentos ligados ao fato da preservação ambiental e da cultura que possuem.

A biodiversidade deve ser estimulada nos agroecossistemas. De tal forma que espécies nativas estejam presentes e cumpram não apenas funções ecológicas – conservação das águas, produção de biomassa, quebra-ventos, estabelecimento de microclimas, refúgio para a biodiversidade, mas também funções econômicas, criando produtos para o autoconsumo das famílias e para a geração de renda monetária – alimentos, madeira, lenha, água para beber, plantas medicinais, artesanato. Plantas e animais domesticados, cultivados ou criados no local, também devem ser espécies adaptadas às condições ecológicas locais (MONTEIRO, 2012, p.72).

Dentro deste grupo de elementos citados por Monteiro (2012), observa-se que as plantas medicinais também na percepção da educação do campo podem ser vistas através do ponto de vista econômico e sustentável pelos moradores das localidades rurais. Desta forma pode-se entender que é possível que alunos e pais



consigam usar dos conhecimentos adquiridos pela cultura em benefício do sustento familiar e forma de geração de renda para o local onde vivem.

A biodiversidade também é promovida ao serem priorizadas variedades de plantas e raças animais com base genéticas amplas e adaptadas localmente, e pela utilização dos policultivos, diversificação de forrageiras e sistemas agroflorestais. [...] O uso de fertilizantes sintéticos deve ser evitado ao máximo. Para tal, é necessário adotar práticas de recuperação e incremento da fertilidade dos agroecossistemas que atuem positivamente na ciclagem dos nutrientes, como não realizar queimadas e não deixar os solos descobertos, evitando-se o revolvimento excessivo; inserir plantas adubadeiras capazes de fixar nitrogênio atmosférico, e aumentar a disponibilidade de outros nutrientes; aproveitar o esterco dos animais para cultivos e pastagens; aproveitar a biomassa produzida localmente para alimentação dos animais; utilizar podas e restos de cultura para estimular a vida dos solos (MONTEIRO, 2012, p.72).

Em Monteiro (2012) é possível compreender que métodos diversos podem ser aplicados pelas pessoas da comunidade do campo para o bom andamento do processo de preservação das culturas de plantas e até mesmo de espécies de animais que dependem do ecossistema para sobreviverem.

Conforme esta autora as plantas medicinais tem vários tipos de uso na sociedade como um todo, de forma que cada grupo social irá determinar dentro dos seus saberes históricos e culturais os prestígios que cada planta tem para si. Enquanto para um determinado povo utiliza certa planta para remédios, outro povo pode utilizá-la especialmente para um ritual ou tradição.

Conforme Monteiro (2012), o uso de plantas medicinais pelos povos do campo é uma prática muito comum, havendo registros de sujeitos que saem pelas matas em busca de socorro às moléstias do corpo e da mente.

Nesta análise compreende-se que a evolução tecnológica tem feito com que muitos povos se afastem cada vez mais dos saberes culturais e se prendam ao químico ou transformado, não tendo estes aquele apego de antes ao resguardo cultural, de forma que a praticidade do momento atual faz com que os sujeitos alienem-se e busquem sempre aquilo que é fácil de ser encontrado.

Para Caldart (2012), o próprio sistema capitalista contribuiu para essa alienação de muitos povos, sendo mais propício que o sujeito venha pagar por um medicamento industrializado do que dedicar um determinado tempo para conhecer o que a natureza pode oferecer de melhor para a sua vida.

Para Geertz (2008) a cultura termina em possuir estruturas que acabam norteando e guiando os comportamentos e crenças dos sujeitos.

Conforme Ungarelli (2009), no Engenho II, o trabalho com as plantas e a permanência da forma cultural no modo de cultivar o solo acabam sendo fatores que favorecem a continuidade do uso de sementes crioulas, sendo esse um fenômeno raro numa realidade de mundo onde sementes modificadas acabam sendo privilegiadas pela conveniência. Conforme apresenta Ungarelli (2009), a educação orientada para a cultura acaba por ser um fator crucial numa comunidade que possui a diversidade de conhecimento sobre a natureza, religiosidade e tradição.

O que Ungarelli (2009) observa termina por dialogar com o que Brandão (2014) ressalta sobre o aspecto da educação do campo e a escola do campo precisarem privilegiar os conhecimentos tradicionais da comunidade onde a unidade escolar está inserida. A escola do campo, segundo observa Caldart (2012, p.261) comporta os saberes tradicionais por meio do trabalho com uma educação que seja “do campo e no campo”. Nesse sentido, a valorização daquilo que existe e que promove o respeito à diversidade cultural local precisa fazer parte desta forma de ensino.

Conforme Brandão (2014), ao se pensar na educação do campo é preciso à adoção de práticas pedagógicas que insiram mais os sujeitos participantes dos estudos no processo de construção do direito e da dignidade humana. Desse modo, os educandos e seus familiares que acabam fazendo parte desse processo precisam ser respeitados em relação aos seus saberes, desse modo, nada de se chegar impondo uma metodologia constituída de uma realidade que não corresponde ao que os esses sujeitos vivem.

Em se tratando das plantas medicinais, podemos pensar que essas acabam sendo, parte de uma cultura muito rica que precisa ser valorizada na comunidade Kalunga Engenho II, sendo um aspecto que precisa de destaque nas metodologias a serem aplicadas nas aulas trabalhadas no contexto local (UNGARELLI, 2009).

Saraiva (2012), discorre o seguinte ao analisar a diversidade de saberes de pessoas que residem no território da Chapada dos Veadeiros, microrregião onde a comunidade quilombola encontra-se inserida:

As experiências dessas moradoras revelam que a natureza se transforma em cultura. Os relatos de cada uma narram de modo prático como a biodiversidade do cerrado também tem uma dimensão cultural. Demonstram

que o cerrado é parte de suas vidas e que tem sua expressão no cotidiano, nautilização medicinal das plantas ou no aproveitamento das plantas úteis, que fornecem a madeira para a construção, a lenha, os frutos comestíveis, a resina, os óleos, o sabão, as bebidas, as tinturas, entre outros usos (SARAIVA, 2012, p.212).

Para Saraiva (2012) o conhecimento tradicional, o uso do Cerrado e das plantas medicinais que este oferece acaba sendo recursos fortemente dominados na cultura da chapada dos veadeiros. Dessa maneira, podemos salientar que, os saberes culturais, a oralidade, o uso e o estudo das plantas medicinais podem ser ensinados e levados para o processo de educação do campo realizado na comunidade Engenho II.

Na percepção de Brandão (2014), a prática pedagógica adotada na educação do campo em muitas escolas atuais acaba fazendo com que a própria Lei das Diretrizes e Bases da Educação (LDB) não seja efetivada em relação ao que se deseja para os sujeitos do campo em relação ao processo educativo.

Segundo Haddad (2012), a educação do campo tem como premissa reforçar a formação de sujeitos ativos e críticos na sociedade, fazendo com que a cidadania e a capacidade de construir um mundo melhor sejam efetivadas na vida do homem do campo. Contudo, se a educação não ajuda na formação cidadã dos indivíduos esta deixa de atingir o propósito formativo desejado pelas lutas sociais que a idealizaram para atenderem ao ensino formativo dos povos do campo.

A escola do campo nos transforma em cidadãos críticos capazes de construir a identidade de nossa comunidade e nos ajuda resgatar as tradições que estão se perdendo ao longo dos tempos. De acordo Roseli Caldart et al (2012, p.257) “a Educação do Campo nomeia um fenômeno da realidade brasileira atual, protagonizado pelos trabalhadores do campo e suas organizações.” A Educação do Campo nos torna como sujeitos protagoniza dores da nossa própria história lutando em busca dos direitos de educação, preservação e fortalecimento da tradição da comunidade. A concepção de Caldart sobre educação do campo nos faz ter uma visão ampla da realidade da escola do campo, pois o intuito dessa pesquisa é fortalecer os conhecimentos, a cultura e a tradição local sobre a utilização das plantas medicinais.

O papel da escola do campo no reconhecimento do saber tradicional é incentivar a juventude reavivar os saberes e valorizar a riqueza dos conhecimentos

tradicionais que constrói a identidade dos sujeitos do campo e também ajuda a manter a identidade da comunidade preservada e transformar a realidade do povo do campo.

A escola do campo forma sujeitos para serem críticos e para valorizarem conhecimentos e saberes tradicionais, resgatando a cultura dos antepassados que aos poucos estão se perdendo por causa do avanço tecnológico.

### **3.2 A ESCOLA JOSELINA FRANCISCO MAIA**

Segundo dados da inserção orientada na comunidade kalunga Engenho II (ROSA et al, 2012) e de moradores do local a Escola Joselina Francisco Maia está localizada neste povoado e tem suas raízes ainda nos anos de 1962e 1964, quando uma senhora chamada de Joani Ribeiro da Silva, a qual pertencia à família nobre no município de Cavalcante, saiu da cidade para dar aula na roça (Engenho II).

Isso foi um ensaio do que estava para acontecer a esta comunidade, pois outras pessoas surgiram e dariam maior ênfase a permanência e inclusão dos moradores do local ao processo de educação. Assim, em 1973, a senhora Joselina Francisco Maia (homenageada pelo nome da escola atual) para não deixar com que as pessoas da comunidade continuassem a ficar sem saber ler e escrever decidiu lecionar em sua própria casa.

Somente em 1985 o prefeito Felipe Ferreira da Silva construiu uma pequena escola municipal no Engenho II, contendo apenas continha um banheiro, uma sala de aula, e uma cantina feitos de alvenaria.

Apesar de ter sido uma grande conquista para a comunidade o levantamento desta escola naquela época, ainda havia muito a se fazer, pois os educandos de 1ª a 4ª série estudavam numa mesma sala de aula no período matutino, sendo que as aulas eram quase que inviáveis de acontecer da maneira pela qual a escola era organizada no local.

Conforme dados levantados junto à comunidade observou-se que, por volta de 1990, através do prefeito Elias Jorge Cheim a escola progrediu um pouco mais, pois este possibilitou que fosse construída mais uma sala de aula, o que permitiu com que as quatro turmas fossem divididas em duas salas e não em uma como antes.

Em 2004, o prefeito Eduardo Coimbra Passos fez um segundo prédio da escola no local, com mais três salas de aula, 01 cantina, e 01 pequena sala para biblioteca e secretaria. Em 2008, foi possível a construção do terceiro prédio da escola através do apoio de Organizações Não Governamentais (ONGs), da Corporação Bancária de Hong Kong e Xangai (HSBC) e dos funcionários do Banco Itaú, este prédio é constituído por 03 salas e por 02 banheiros.

Na atual configuração as duas salas que compreendem o primeiro prédio construído entre 1985 e 1990 são utilizadas pelo Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI), a cantina do local foi transformada em sala de informática, que contém cerca de oito computadores que estão na responsabilidade da Secretaria de Estado da Educação. Quanto ao prédio 2 e o prédio 3 estes são utilizados para a finalidade própria das aulas, onde estudam alunos da rede municipal de ensino e alunos que fazem parte da extensão do Colégio Estadual Calunga I (que compreende educandos de 6º ano do ensino fundamental até 3ª série do Ensino Médio).

Por estar na zona rural, a Escola Joselina Francisco Maia tem sido bem abastecida com uma boa estrutura de ensino que ainda pode melhorar ainda mais, atendendo a mais de 100 alunos, esta conta com cerca de 10 professores que possuem importante conhecimento na área de educação e que podem contribuir para o fortalecimento do uso de plantas medicinais, que compreende-se como principal temática deste estudo. De forma geral, a Escola Municipal Joselina Francisco Maia atende alunos do pré II ao 5º ano do ensino fundamental e a extensão do Colégio Estadual Elias Calunga I atende a alunos do 6º ano (EF) ao 1º ano do ensino médio.

### **3.3 RODA DE CONVERSA SOBRE AS PLANTAS MEDICINAIS**

A roda de conversa foi realizada com as turmas do 9º ano do ensino fundamental e 1º série do ensino médio, tendo-se o apoio da professora Dominga Natália e do raizeiro Zé Preto, que também tinham participado do momento das entrevistas sobre o uso de plantas medicinais. Observa-se que esta educadora trabalha com as disciplinas de ciências e biologia junto às turmas selecionadas para esta intervenção, e esse fator foi relevante para o melhor diálogo e abertura da conversa junto aos educandos.

A participação do senhor Zé Preto, que é raizeiro e entende muito de plantas medicinais, de plantas do cerrado que são utilizadas como medicamentos para tratar doenças de seres humanos e também de animais (ex: bovinos e equinos) foi de extrema relevância nesta roda de conversa com os educandos da escola local.

Na roda de conversa, seguiu-se um planejamento (em anexo) que contemplou as seguintes perguntas: Você conhece as plantas medicinais? Para que você acha que serve esta planta? O que você prefere: Usar remédio de farmácia ou remédio caseiro?

No primeiro momento (Você conhece as plantas medicinais?). Trabalhou-se com a exposição de várias plantas medicinais como: baru, pacari, agoniada, catuzinha, gervão, pualha do campo, pequi, pau terra e carqueja. Nessa ocasião os educandos começaram a comparar os seus conhecimentos relacionados a estas plantas com a base do saber tradicional representado pelo senhor Zé Preto. O que foi possível presenciar através das informações apresentadas uma troca de conhecimento entre as gerações distintas de uma mesma cultura, o que é apresentado dialoga com o que destaca Monteiro (2012) que considera que a educação realizada no campo precisa trabalhar o que faz parte da cultura local e da realidade da região, assim, a atividade feita através da roda de conversa possibilitou a inclusão dos saberes tradicionais sobre plantas medicinais no ensino dos alunos.

No segundo momento (Para que você acha que serve esta planta?) as plantas eram apresentadas pelo senhor Zé Preto, o qual interrogava aos alunos em relação ao nome das mesmas. Observou-se que alguns educandos conheciam identificar facilmente para que serviam as plantas, mas outros por só saberem o nome da planta e desconhecerem os seus benefícios para a saúde humana destas optaram por fazer uma listagem e esperar que o senhor Zé Preto lhes falasse sobre isso. A gama de conhecimento demonstrada por Zé Preto permite o diálogo com Saraiva (2012) no que toca a fortaleza nos que os povos da Chapada dos Veadeiros possuem no que diz respeito à natureza e a diversidade de usos que esta pode possibilitar.

O terceiro momento (O que você prefere: Usar remédio de farmácia ou remédio caseiro?) abordou sobre a preferência dos alunos e professora em relação aos remédios de farmácia e as plantas medicinais. Assim, observou-se que, muitos educandos afirmaram que em algumas ocasiões acabam dando preferência aos

remédios de farmácia, justamente pela praticidade que estes garantem, mas ainda consideraram que o remédio caseiro é uma das primeiras alternativas encontradas principalmente quando estão sentindo dores de cólicas, musculares, infecções no corpo e pele, etc.

Para fechar a roda de conversa, após a retirada de dúvidas dos educandos junto à professora e especialmente junto ao senhor Zé Preto, foi repassado um vídeo sobre “Conheça alguns benefícios das plantas medicinais.” Esse vídeo possibilitou a interação tecnológica dos participantes e o entendimento de que aquilo que estava sendo discutido com eles possui fundamentação e apoio ideológico de muitas frentes em nossa sociedade e que as plantas medicinais precisam ser preservadas dentro da cultura kalunga. As fotos da roda de conversa encontram-se anexas a este trabalho.

Na Escola Joselina Francisco Maia observa-se que na prática docente são raras as atividades realizadas que estão dentro das perspectivas do curso de Licenciatura em Educação do Campo, de maneira que por muitas vezes os educadores estão centrados no currículo pedagógico repassado pela gestão escolar que está na cidade, não havendo liberdade para o emprego de metodologias mais abrangentes.

O que verificamos dialoga com o que Brandão (2014) considera em relação aos obstáculos relacionados às práticas pedagógicas adotadas nas escolas do campo que acabam desqualificando os ideais previstos na LDB. Contudo, existem possibilidades que podem ser mais exploradas pela equipe docente no contexto do ensino básico da localidade, por exemplo, a realização de rodas de conversa sobre plantas medicinais com cada turma, pelo menos durante um dos semestres do ano letivo, a realização de festivais de danças locais, concursos de histórias e contos, concursos de demonstrações de artesanato e das plantas medicinais e entre outros elementos ajudem a valorizar a memória kalunga.

Foi possível verificar que, após a roda de conversa muitos alunos que não se mostravam interessados em falar sobre o assunto de plantas medicinais, após a roda de conversa, e dos conhecimentos obtidos sobre as utilidades das plantas, esses começaram a participarem mais das discussões e considerarem a relevância de valorizar o remédio caseiro ou do cerrado em detrimento dos remédios de farmácia.

A roda de conversa torna-se uma ferramenta muito importante para a aprendizagem dos alunos, pois as explicações das lideranças e das pessoas idosas ajudam aos alunos e aos professores a conhecerem melhor o uso das plantas medicinais, o que pode ter ocorrido com as exposições das espécies mais utilizadas, e com a explicação de receitas que podem ser seguidas, com a demonstração do modo de usar, e da explanação do serventário das plantas, etc.

### **3.4 CONHECIMENTO DAS PLANTAS MEDICINAIS NA VISÃO DOS PROFESSORES DA ESCOLA**

Em relação a pergunta nº 1 (Você costuma trabalhar com algum conhecimento tradicional do Engenho ?) foram entrevistados dois professores que exercem suas funções na Escola Joselina Francisco Maia, no Engenho Il, porém observou-se que os educadores afirmam aproveitar um pouco do que conhecem sobre a tradição local em suas aulas, de modo que algumas vezes as festas que são tradições locais ou alguns costumes relacionados à alimentação são aspectos que estes consideram destacar quando possível em aula.

No que toca a pergunta nº 2 (Você costuma trabalhar com as plantas medicinais?), quanto ao uso de plantas medicinais, apenas um desses afirmou utilizar vez por outra as mesmas especialmente nas aulas de biologia ou de ciências, e isso se o conteúdo for relacionado a plantas. De certo modo, ambos os professores afirmaram que o que dificulta esse processo é o fato de que esse tipo de trabalho foge ao currículo pedagógico da escola, o qual vem pronto para ser seguido, mas às vezes para não deixar com que o conhecimento tradicional seja esquecido é preciso improvisar e levar as plantas para a sala.

A partir do que os professores observam, é possível colocar que no ensino local estes enfrentam um sério desafio que diz respeito à inclusão dos saberes locais na metodologia das aulas, devido o fato de que o próprio currículo escolar causa esta limitação.

Portanto, o que foi registrado através das entrevistas, da roda de conversa, e da sistematização das plantas medicinais na tabela ajudam no enriquecimento da percepção de que não se pode ignorar a relevância de trazer os jovens para o processo de fortalecimento desses conhecimentos, que podem e devem ser colocados no contexto do ensino da escola do campo.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho registrou os usos das plantas medicinais pela comunidade kalunga Engenho II, de maneira que conhecimentos importantíssimos que estão sendo perdidos, puderam a partir deste estudo ser resgatados.

Este estudo é muito importante para mim enquanto educadora do campo e parte desta comunidade, que é rica em cultura e em conhecimentos. Pude reforçar o meu desejo de manter o hábito e estimular o uso de plantas medicinais, de maneira que, consigo observar a extensão dos aprendizados adquiridos e a relevância que tudo isso tem para o Engenho II, inclusive para o fortalecimento de sua identidade e representatividade social.

Por meio dos três momentos principais deste trabalho, a saber, a entrevista junto a idosos e pessoas conhecedoras de plantas medicinais na comunidade, a entrevista com professores do local e a realização da roda de conversa dirigida por um representante social idoso aos jovens e educadores na Escola Joselina Francisco Maia, foram viáveis muitas descobertas que possibilitaram chamar a atenção dos mais jovens para os conhecimentos e letramentos presentes na localidade.

Observou-se pelas primeiras entrevistas que principalmente as pessoas idosas e indivíduos jovens que com estas se relacionam conseguem resguardar um conhecimento ímpar sobre a grandeza dos saberes tradicionais sobre plantas. Com respeito aos professores, nota-se através da segunda entrevista que estes estão limitados pela estrutura e modelo de ensino tradicional que ainda termina aceitando a técnica em detrimento da cultura. Por meio da roda de conversa foi viável dialogar os saberes e transmitir de forma prática nas aulas da intervenção a importância das plantas medicinais para a saúde humana e como isso está ligado à preservação de conhecimentos históricos no local.

Enfim, pela pesquisa se pode verificar a necessidade de maior aprimoramento na metodologia da educação do campo no que se refere ao uso da tradição, dos saberes e dos conhecimentos advindos da própria comunidade do Engenho II para as aulas ministradas na escola local.

E também pude perceber a necessidade de trabalhar nas escolas do campo as realidades locais, incentivar a juventude valorizar e preservar as culturas, e as

tradições que são saberes importantes para preservar a identidade e a história da comunidade.

A educação compreende todos os processos sociais de formação das pessoas como sujeitos de seu próprio destino. Nesse sentido educação tem relação com a cultura, com valores, com jeito de produzir, com formação para o trabalho e para a participação social (CALDART, 2012).

A educação esta presente nos saberes tradicionais, formando todos os sujeitos como cidadãos criativos de sua própria identidade cultural caracterizando a sua existência no meio social da humanidade. Os saberes tradicionais é um conhecimento muito significativo para a educação e para sociedade, pois dependemos imensamente desse saber empírico na nossa vida cotidiana.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Jaime Gonçalves de. **Organização espacial e ocupação territorial no Kalunga: a moradia como efetivada**. Brasília – DF: UnB, 2004.
- BAIOCCHI, Mari de Nazaré. (org.) **KALUNGA: histórias e adivinhações**. Goiânia GO: Gráfica e Editora Vieira, 2010.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Presença Pedagógica**. Diálogo entre a universidade e a educação básica para a formação do professor. V.20, n. 120. Nov/dez, 2014.
- CALDART, Roseli Salete, et. al (org.) **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012, 788 p.
- CRESWELL. John ,W. **Projeto de pesquisa qualitativa, quantitativa e misto**. 2. Ed. Porto Alegre: Artmed. 2007.
- DA MATTA, Roberto. **Você tem cultura?** Artigo publicado no Jornal da Embratel, RJ, 1981.
- DIEGUES, Antônio Carlos; ARRUDA, Rinaldo. S.V. **Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente; São Paulo: USP, 2001.
- DOURADO, Martha Fellows. **Política pública e construção participativa: análise da política nacional de desenvolvimento sustentável dos povos e comunidades tradicionais**. Planaltina DF: UnB, 2012. (Monografia).
- GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 64-89.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. I.ed., IS.Reimp. - Rio de Janeiro :LTC, 2008, 323p.
- GIDDENS, A. **The Consequences of Modernity**. Cambridge: Polity Press, 1990.
- HADDAD, Sérgio. Direito à Educação. In: CALDART, Roseli Salete [et al]. **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012, 788 p.
- MONTEIRO, Denis. Agroecossistemas. In: CALDART, Roseli Salete, et. al (org.) **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012, 788 p.

MOURA, Glória. Quilombo: conceito. In: MEC. **Educação Quilombola**. Revista Salto para o Futuro, Boletim 10, junho de 2007.

MOURA, Adriana Ferro; LIMA, Maria Glória. **A Reinvenção da Roda: Roda de Conversa: Um Instrumento Metodológico Possível**. Revista Temas em Educação, João Pessoa, v.23, n.1, p. 98-106, jan.-jun. 2014. Disponível em: [periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/rteo/article/download/18338/11399](http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/rteo/article/download/18338/11399). Acesso em: 20 de março de 2015.

NEVES, L. de A. **A voz dos militantes: o ideal de solidariedade como fundamento da identidade comunista**. In: X th International Oral History Conference. Proceedings vol3. Rio de Janeiro: CPDOC, FIOCRUZ, 1998.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

ROSA, Eriene dos Santos [et al]. **Inserção orientada na comunidade kalunga Engenho II**. Brasília: UnB, 2012.

SAMPAIO, Antonio Alencar. ROCHA, Evandra. **Cordel de plantas medicinais do cerrado**. Goiânia: Kelps, 2012.

SANTOS, Renato Emerson dos. Quilombos. In: CALDART, Roseli Salete, et. al (org.) **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012, 788 p.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura?** Coleção primeiros passos, São Paulo: Brasiliense, 2006. Disponível em: <http://www.submit.10envolve.com.br/uploads/b8f1125ccc4796635744d45e29b2763e.pdf>. Acesso em: 03 de março de 2015.

SARAIVA, Regina Coelly F.; RODRIGUES, Livia Penna Firme; NOGUEIRA, Mônica Celeida R. **Saberes e fazeres tradicionais sobre o cerrado: a experiência de Dona Flor**. Brasília: Universidade de Brasília, Decanato de Extensão: 2011, p. 257.

SILVA, Aneli Soares da. **Uso Das Plantas Medicinais Do Cerrado Na Comunidade Kalunga, Ribeirão Dos Bois, Teresina – GO**. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora, como exigência parcial para a obtenção do título de Licenciado no Curso de Licenciatura em Educação do Campo, da Faculdade UnB Planaltina, sob a orientação da Prof. (a). Regina Coelly Fernandes Saraiva. Planaltina/DF: UnB, 2013, 46p.

UNGARELLI, Daniella Buchmann. **A comunidade quilombola Kalunga do Engenho II: Cultura, produção de alimentos e ecologia de saberes**. Brasília, 2009, 83 p.

## ANEXOS

### Anexo 1 – Roteiros De Entrevistas

#### **1 - Roteiro de entrevistas a serem realizadas com a comunidade Kalunga Engenho II- (Pessoas idosas)**

Data da entrevista:

1. Qual seu nome completo
2. Onde você nasceu?
3. Quantos anos você tem?
4. Qual seu estado civil?
5. Quantos filhos você tem?
6. Você teve oportunidade de estudar?
7. Qual sua profissão?
8. Quais são as plantas medicinais o (a) senhor (a) conhece?
9. Como esse conhecimento sobre os usos das plantas foi adquirido?
10. Quais plantas medicinais são mais utilizadas? Para que? Quais são os usos mais freqüentes?
11. Qual a importância desses saberes para a comunidade?
12. Qual a diferença entre as plantas medicinais com os remédios da farmácia?
13. Você acha que atualmente os usos dessas plantas medicinais diminuíram? Por quê?

#### **2 - Roteiro de entrevistas a serem realizadas com a comunidade Kalunga Engenho II- (Professores)**

- 1 - Você costuma trabalhar com algum conhecimento tradicional do Engenho II
- 2- Você costuma trabalhar com as plantas medicinais?
- 3- Sim: como trabalha?
- 4- Não; explicar por quê?



### Anexo 3 – Fotos Do Engenho II



Comunidade Engenho II. Foto: M<sup>a</sup> Aparecida Santos, 2013.

### Anexo 4 : Planejamento Da Roda De Conversa (1 Roda)

| Roda de Conversa   | Como será realizada  | Perguntas para discussão do Tema   | Público Alvo  | Materiais  |
|--|--|--|---|--|
| <p><b>Temas:</b> Você conhece as plantas medicinais?”<br/>           Para que você acha que serve esta planta?”<br/>           Você prefere: Usar o remédio de Farmácia ou o</p> | <p>Conversar primeiro com a professora e pedir permissão para realização da roda de conversa.<br/>           Agendamento prévio da roda de Conversa, data, horário e as turmas do 9º ano do Ensino Fundamental e 1ª série do Ensino Médio; com a</p> | <p>1-Você sabe o nome desta planta?<br/>           2-Você já usou esta planta alguma vez?<br/>           Fale um pouco sobre isso.<br/>           3-Onde encontramos esta planta aqui no Engenho II?</p> | <p>Alunos e professora da Escola Joselina Francisco Maia (9º ano EF e 1ª série EM.)</p> | <p>- Cadeiras;<br/>           Mudanças/amostras de plantas medicinais;<br/>           -Notebook;<br/>           -Televisão<br/>           -Caixa de Som;</p> |

| Roda de Conversa  | Como será realizada  | Perguntas para discussão do Tema   | Público Alvo | Materiais |
|-------------------|--|--|--------------|-----------|
| remédio caseiro?” | <p>professora Natalia, e um raizeiro conhecedor de plantas medicinais na comunidade;</p> <p>Juntar as duas turmas numa sala, pedir a composição de um círculo;</p> <p>Apresentar o tema a ser trabalhado, colocar a disposição a fala do convidado (raizeiro) sobre o tema, após fala dos alunos e professores e minha em seguida exposição de algumas plantas medicinais levados pelo convidado, debate, perguntas e respostas para os alunos e a professora.</p> | 4-Quem lhe ensinou a usar esta planta?   |              |           |
|                   | <p>Demonstração de imagens de plantas no data show, de forma que na medida em que as plantas</p>   | <p>1-Você sabe o nome desta planta apresentada na tela?</p> <p>2-Fale para que</p> | -            |           |



| Roda de Conversa | Como será realizada   | Perguntas para discussão do Tema   | Público Alvo | Materiais |
|------------------|---|--|--------------|-----------|
|                  | <p>vão sendo repassadas, a rodada de perguntas será repassada aos participantes para discussão; após assistir um vídeo sobre “os benefícios das plantas medicinais para a saúde” finalizamos com os alunos fazendo uma breve síntese oral sobre o que aprenderam e sobre a importância de valorizar e preservar o uso das plantas medicinais.</p> | <p>serve esta planta;<br/>3-Como você aprendeu as informações sobre esta planta?</p> |              |           |

## Anexo 5: Fotos da Roda De Conversa na Escola e de Plantas Medicinais



Roda de Conversa na Comunidade Engenho II. Foto: M<sup>a</sup> Aparecida Santos, 2015



Zé Preto explicando sobre plantas medicinais aos jovens do 9º ano e 1º série (EM). Foto: M<sup>a</sup> Aparecida Santos, 2015.



Zé Preto explicando sobre plantas medicinais aos jovens do 9º ano e 1º série (EM). Foto: M<sup>a</sup> Aparecida Santos, 2015.



Pé de canela, em quintal da comunidade Engenho II. Foto: M<sup>a</sup> Aparecida Santos, 2015.



Pé de hortelã grosso, em horta da comunidade Engenho II. Foto: M<sup>a</sup> Aparecida Santos, 2015.



Pé de assa peixe, no cerrado da comunidade Engenho II. Foto: M<sup>a</sup> Aparecida Santos, 2015.